

Mais fome! — eis o que o salazarismo oferece
Mais miséria! ao povo português

O problema do abastecimento continua sem solução; os géneros continuam a encarecer e a faltar; o salário real das massas trabalhadoras vai baixando em consequência do continuo encarecimento da vida e com a redução de dias de trabalho; o desemprego aumenta cada vez mais, muitas indústrias estão a reduzir a sua produção, fecham-se fábricas; a Lavourea reduz o milímetro o emprego da mão-de-obra assalariada; a Economia portuguesa caminha para uma crise profunda. Por outro lado, a alimentação do povo português, vai sendo reduzida no máximo dia a dia. Segundo a estatística agrícola de 1946, a captação de trigo por habitante que foi de 77,20 por ano, no decénio de 1926-1935, era no decénio de 1936-1945 de 57,31; o centeio, que foi em igual período de 15,75, passou a 12,10; o milho, de 58,34 passou para 49,35; o arroz, de 12,18 passou para 10,20; o azeite, de 8,88, passou para 7,99; a batata, de 70,18, passou para 82,41. O grão que foi de 1,40 no quinquénio de 1937-1941, passou para 1,32 no quinquénio de 1942-46. A carne, em peso limpo consumida, cuja média anual foi de 50,957 ton. no período de 1935-45, em 1946 era apenas de 40,101 ton., isto é, 8 quilos por habitante no período de 1935-45 e somente 6,5 em 1946.

Os principais produtos da alimentação, todos baixaram na captação por habitante, só a batata aumentou, o que indica que foi recorreendo ao consumo da batata em mais abundância, por ser um produto mais acessível, que o povo português procurou mitigar a sua fome. Mas vejamos se as pers-

pectivas se apresentam para o povo português com um futuro melhor. Segundo relatório do Banco de Portugal de 1947, a colheita do trigo de 47 representou apenas 67% da produção de 1946; a de aveia, 20% da produção de 1946; a de cevada, 65%; a de milho, 72%; e só a de centeio foi aproximadamente igual à do 1946.

Embora em relação ao ano de 46 ainda não tenhamos elementos completos sobre a produção agrícola, tudo indica (no que respecta aos cereais) que foi inferior à de 1947. Isto pode confirmar-se pelo próprio volume ascendente da importação de trigo, que em 1946 foi: 390.370 contos; em 1947, de 437.393 contos e que em 1948, segundo o actual ministro da Economia deve atingir 700.000 contos.

E tudo isto para que o povo português continue a comer pão ordinário, caro e racionado.

Como pretende o salazarismo sair desta situação, que dia a dia se vem tornando mais grave para o povo português? Fomentando a produção agrícola? Não. Até agora, nenhuma medida séria foi tomada nesse sentido. Pelo contrário, o ministro da Economia seguiu a mesma política demagógica do ministro cessante: promete muito mais nada de concreto faz. O novo ministro afirmou, numa das suas últimas palestras à imprensa, que não tolerará que se provoque uma alta de preços que nada justifica, quando é ele mesmo que nessa conferência confessa que o nosso défice de manteiga é actualmente de 427 ton. anuais e que por isso irá faltar no mercado. Não irá a escassez deste produto ou doutro

Avante!
ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

A LUTA PROSEGUE E A UNIDADE MANTÉM-SE

A PESAR de toda a repressão e terror desencadeados pelo salazarismo; apesar da acção dos oportunistas e agentes do estrangeiro no seio do movimento democrático para quebrar a Unidade e impedir o desenvolvimento da luta de massas; apesar da inactividade, hesitação e hesitações no seio do movimento democrático, a unidade mantém-se e a luta prossegue.

A Unidade e a Luta verificam-se através da existência e da actividade de dezenas e dezenas de organizações de Unidade nas empresas, nas cidades, vilas e aldeias, através do reforçamento do MUD e do MUDJ, através da formação e da actividade de dezenas e dezenas de comissões eleitorais de apoio ao candidato à Presidência da República, exigindo as condições mínimas para que se possa concorrer às urnas.

O salazarismo e todos os inimigos da democracia e do povo têm sido impotentes para isolar o P. Comunista das restantes forças democráticas. As suas tentativas de cindir as forças democráticas

para depois mais facilmente as aniquilar têm fracasado.

OS PERIGOS PARA AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS SUBSISTEM

Mas apesar de todos os perigos para o Movimento Democrático Nacional, Salazar intensifica a preparação da sua manobra eleitoral, fortalece o seu aparelho repressivo contra o povo e procura arrastar o país, finalmente, para aventuras guerreiras contra a paz e segurança dos povos, segundo as ordens e directrizes dos fomentadores de guerra norte-americanos.

Os traidores e divisionistas tentam infiltrar-se (alguns já o conseguiram) na direcção do movimento democrático, para desviar as massas democráticas do caminho da Unidade e da Luta e arrastá-las para o campo das compromissões com o salazarismo.

Continuam a subsistir concepções de organização e direcção do movimento que nada têm de democráticas, que são contrárias à iniciativa e vontade de luta das massas. Há ainda dentro do movimento democrático quem persista em tender a ideia da não-participação dos comunistas e doutros democratas comprometidos nos organismos para a candidatura já formados ou a formar de futuro.

O medo da luta das massas não foi ainda liquidado; continua a subsistir dentro da própria direcção do movimento e a ideia da ida às eleições nas condições impostas pelo fascismo. E os compromissos livremente aceites nem sempre são cumpridos.

ta das massas democráticas, ao desmascaramento do salazarismo e dos seus agentes, à luta contra o medo, a hesitação e a inércia.

Daqui se conclue que para conquistar a liberdade e a democracia, só há um caminho: a Luta. Luta contra a política de opressão, do terror e de guerra do salazarismo. Luta implacável contra os traidores e divisionistas tais como Nuno Simões, Cunha Leal, José de Sousa, António Sérgio, Lima Alves, etc.

Luta por um reconhecimento honesto, fiscalizado pelas forças democráticas. Luta por uma ampla liberdade de propagação eleitoral. Luta para conseguir a participação dos democratas nas mesas eleitorais de contagem de votos. Luta contra todas as ideias e formas de organização que só podem prejudicar o movimento e servir os interesses do fascismo. Luta para facilitar às massas democráticas uma acertada orientação para que se organizem e movimentem mais e mais pela conquista das suas reivindicações económicas e políticas.

Só pela luta decidida, a Unidade se mantém e a liberdade se conquista. Só pela luta se conseguirá fazer frente ao fascismo e a todos os seus membros provocatórios. Só pela luta se abrirão novos horizontes na conquista da liberdade e da democracia. Só pela luta se conseguirá a constituição dum governo democrático de concentração nacional capaz de defender o povo e salvaguardar a soberania e a independência nacionais.

A COMPANHIA DOS DIAMANTES DE ANGOLA
ALA AVANÇADA DO IMPERIALISMO AMERICANO NAS COLÓNIAS PORTUGUESAS

Muita gente desconhece o que representa esta poderosa Companhia na Economia colonial portuguesa assim como o seu CARACTÉR DE ALA AVANÇADA DO CAPITAL IMPERIALISTA AMERICANO NOS NOSSOS PAÍSES.

Muitos portugueses ignoram que a Companhia dos Diamantes de Angola vende anualmente centenas de milhões de contos de diamantes, que tem um activo de cerca de 750.000 contos, que fez um empréstimo à colónia de Angola de 100.000 contos e que teve de lucros líquidos e confessados em 1947 a modesta soma de 298.209 contos, que depois de deduzidas as verbas destinadas a amortização de empréstimos e encargos estatutários e contractuais, entre os quais figura o pagamento de 80.000 contos à participação da colónia de Angola, apresenta o lucro líquido de 111.600 contos para os indivíduos estrangeiros e seus lacaios portugueses, ou seja um lucro de cerca de 62% sobre o seu capital social. Estes lucros fabulosos são arrecadados ao trabalho forçado de perto de 17.000 indígenas e de algumas centenas de brancos. Para assegurar a esta companhia magnética a exploração desenfreada e livre dos indígenas do distrito da Lundu, o anterior governador geral de Angola, comandante Lopes Alves (depois de conversações com o seu antecessor, comandante Alvaro Morán, actualmente um dos administradores da Companhia de Diamantes) criou na Lundu uma reserva de mão de obra, considerando a Companhia o direito exclusivo de mobilizar para o seu serviço os indígenas, que assim se encontram reduzidos à condição de caçis nos terrenos contados dos grandes senhores feudais.

A Companhia dos Diamantes está associada aos trusts internacionais dos diamantes e por intermédio do seu administrador Harry Joel ao trust sul-americano De Beers Consolidated Mines, que hoje detém a produção de mais de metade dos diamantes do mundo e à magnética British South Africa of Rhodesia, empresa ligada à Companhia de Moçambique, ao caminho de Ferro da Beira e à Companhia do Porto da Beira. O trust internacional Société Générale de Belgique (hoje dominado pelo capital americano) que controla a produção diamantífera do Congo Belga, e que é nesta colónia o que se de Beers é na África do Sul, tem um dos seus administradores, o sr. Van Bree, a controlar a Companhia dos Diamantes e o seu associado, o Banco Burnay.

A maioria dos administradores do Banco Burnay são também da Companhia dos Diamantes, como o comandante Ernesto Vilhena, o

Visconde de Marco e o coronel Brandão de Melo, monarca-fascistas graúdos.

Mas os homens que tudo dominam na Companhia dos Diamantes, são os seus dois administradores americanos, por detrás dos quais se encontra o trust mineiro americano da American Smelting Company, que explora minas de chumbo no México, de ouro no Alasca e de cobre em vários países do mundo. Estreitamente ligado à American Smelting Company esta o poderoso trust Guggenheim, dos reis do cobre, de que um dos membros, Salomon Guggenheim o grande accionista da Companhia dos Diamantes de Angola. Independentemente do controlo da produção diamantífera de Angola a presença dos capitalistas americanos na Companhia dos Diamantes de Angola e no seu associado o Banco Burnay, tem por objectivo apoderarem-se das principais riquezas das colónias portuguesas, destacando-se nesta tarefa o Banco Burnay como capa portuguesa dos imperialistas estrangeiros e o coronel Brandão de Melo, que em terras de Angola tem outras licenças para a montagem de fábricas de borracha sintética e natural e fabrico de papel, tudo por conta dos imperialistas americanos. Será para continuar esta obra que foi colocada em Portugal uma delegação para o Plano Marshall?

Vimos já num artigo anterior que o Banco Burnay, a Société Générale de Belgique e a Companhia de Moçambique se apoderaram de 80 milhões de toneladas de carvão em Moatise, na colónia de Moçambique. Para se apoderarem das riquezas minerais de Angola (que se revelam importantes) os imperialistas americanos criaram uma companhia portuguesa, a Companhia das Pesquisas Mineiras de Angola, associada e com sede comum com o Banco Burnay, por detrás da qual se encontram o trust Guggenheim, a Société Générale de Belgique e a Guaranty Trust Co., um dos 8 maiores bancos americanos, controlado pelo famoso Banco Morgan. O Banco Burnay tem sido a função, desde a sua origem, de servir de «capas» para todas estas e muitas outras negociações feitas nos interesses nacionais em que estão empenhados os imperialistas estrangeiros.

Para encontrarem a simpatia e o apoio do governo salazarista, os imperialistas americanos tiveram o cuidado de colocar como presidente do conselho de administração da Companhia dos Diamantes de Angola um fascista graúdo, o famigerado coronel Lopes Mateus, ex-ministro da Guer-

ra e do Interior de Salazar, o presidente da Liga 28 de Maio e da Comissão Colonial da União Nacional!

É pela mão de fascistas como o comandante Ernesto Vilhena, o coronel Brandão de Melo, o coronel Lopes Mateus e o comandante Alvaro Morán, que os imperialistas americanos se vão assechando progressivamente das riquezas coloniais de Portugal. Isto é um pequeno capítulo da obra de traição nacional levada a cabo pelos dirigentes fascistas e à que **SÓ A VONTADE DOS DEMOCRATAS E PATRIÓTAS PORTUGUESES PODERÁ POR O NECESSÁRIO FIM.**

A explosão de 24 de Novembro, que roubou a vida a 27 trabalhadores e trabalhadoras, veio chamar a atenção do povo português para os fobos preparativos militares do governo salazarista.

Não estão ainda claras muitas das circunstâncias em que se deu a explosão. Quem dirige superiormente a laboração da fábrica da Amora? A que se destinavam os explosivos? Que medidas tinham sido tomadas para defender, em tão perigoso trabalho, a vida dos operários e operárias? Quem são os responsáveis pela catástrofe, que só o heróismo dos operários da Mindel e doutros filhos do povo evitou que fosse mais grave? A seu tempo, será dada resposta a estas perguntas e tudo permite afirmar que aparecerão então claras as responsabilidades do governo salazarista. De facto, o governo, seguindo docilmente as ordens dos fomentadores de guerra anglo-americanos, está transformando Portugal em praça-de-armas dos E.E.U.U.

Para serviço da aviação militar dos E.E.U.U. Salazar faz construir aeródromos e aeroportos em Montel Real, Faro, Montijo, Santa Maria, Sal, Timor, Guiné, Luanda, Lourenço Marques, Vila Lus, etc.

As forças armadas absorvem quase metade de todas as despesas do Estado. As visitas de inspecção a estabelecimentos militares sucedem-se cada dia. Preparam-se e promovem-se novos quadros para o Exército e a Marinha. Em 29 de Outubro, um Decreto salazarista transformou o Instituto dos Pupilos do Exército em escola de recrutamento de artilharia e técnicos indispensáveis à vida e existência da força armada. Criou-se um novo curso na Escola de Guerra e reduziu-se a duração de cursos de artilharia e as condições de admissão, tudo com vistas a aumentar rapidamente o número de oficiais. O próprio Instituto de

A LUTA É O ÚNICO CAMINHO A SEGUIR

Os progressos e as perspectivas que se abrem ao movimento democrático devem-se principalmente ao reforço da organização e da lu-

Rádio Moscovo
FALA PARA PORTUGAL:
às 21,30 (ondas curtas),
em 30,67,
31,06; 40,76; 40,87; 41,67
e 49,33

A explosão da Amora
27 VÍTIMAS DA POLÍTICA DE GUERRA DE SALAZAR

Odivelas se converteu em escola de enfermeiras de guerra. Quanto à Marinha, foi criado em 5 de Novembro o Instituto Superior Naval de Guerra, para rápida formação de oficiais.

Todas estas medidas são tomadas sob o mando dos imperialistas anglo-americanos. Multiplicam-se as visitas a Portugal de chefes militares anglo-americanos que vêm dar as suas ordens. O chefe do Estado Maior salazarista, general Barros Rodrigues, acaba de regressar de Inglaterra, onde foi realizar conversações com o ministro da Guerra e com o marechal Montgomery, presidente do Comité de Defesa dos estados aderentes ao pacto militar atlântico, sob as ordens superiores de Washington. Salazar não tem a coragem de aderir formalmente a esse bloco agressivo, mas há muito aderiu a ele, como comparador de terceira categoria.

Os fascistas proclamam abertamente os seus planos de guerra. A propaganda de guerra salazarista é desenfreada: são os ministros, os oradores, a Comissão, a

imprensa. A Legião Portuguesa, tropa de choque e de guerra civil, é treinada intensamente para legitimar a luta do povo português pela democracia, pela independência e pela paz. Ainda recentemente, em 7 de Novembro, o capitão André Navarro gritava aos legionários que o povo de Portugal estará presente no campo da luta contra os bárbaros das estepes asiáticas. Que significa esta arrogância de ruína bem nossa conhecida, senão o propósito dos fascistas de arrastarem Portugal à guerra contra a URSS e os países de democracia popular, acenosamente intransigentes da paz e da segurança dos povos e grandes amigos do povo português?

Os homens simples de todo o mundo farão fracassar os planos dos fomentadores dum novo guerra. O povo português, ao lado de todos os povos amantes da liberdade, fará fracassar os planos de guerra, covarde da independência nacional e lacaios dos imperialistas anglo-americanos. O povo português lutará enérgicamente contra os preparativos de guerra e aventura da camarilha fascista.

É por isso que se exige que sejam esclarecidas todas as circunstâncias em que se produziu a explosão da Amora que entou dezenas de tares de filhos do nosso povo.

Subscrição de 100 contos

Letras	N.ºs	873	20500	1222	200580	3560	44000
113	41570	959	43500	1229	1570	2561	52080
237	100500	964	9750	1243	107550	2563	20380
352	33500	966	18500	1256	45500	2577	17800
253	20390	973	4800	1349	20500	2578	7800
255	20500	990	10500	1350	15800	2595	86800
582	50090	995	68500	1372	47550	2596	80600
792	37550	1054	43550	1513	45500	2509	10200
801	25500	1055	220500	1517	66500	2699	31850
802	11800	1120	60500	1538	125500	2807	76850
804	20500	1124	100500	1633	63550	1.15. P. rdidat	12850
808	16500	1137	1.280500	1726	20500	Idem	10800
809	39550	1140	126550	2232	50500		
816	63550	1143	50500	2437	20500	Total	5.681.530
828	10500	1144	40500	2556	3950	Trans. 130.921.620	
871	20500	1145	30500	2557	41800		
872	20500	1176	149000	2558	60900	Total	180.004.500

Os operários têxteis do Norte

Os trabalhadores da Indústria têxtil, são dos mais mal pagos do país. Dezenas de milhares de operários têxteis do Norte e suas famílias vivem uma vida de miséria e de sofrimento, enquanto que os donos das fábricas acumulam fortunas colossais, algumas de centenas de milhares de contos, como os tubarões Delírio Ferreira, Conde de Viseia, Manuel Pinto de Azevedo, etc.,

Sentindo bem esta situação, os têxteis do Norte, ao mesmo tempo que vêm lutando parcialmente por aumento de salários,

— como os operários da **EMPRESA INDUSTRIAL DE SANTA TIRSO**, por intermédio da sua **Comissão de Unidade** composta por 20 operários em defesa dos seus marcos direitos e regalias;

— como os operários de **duas fábricas de VILA DO CONDE** que por intermédio de uma **Comissão de Unidade de 20 operários**, exigem que seja aumentado o n.º de médicos

no posto por os actuais serem insuficientes para a população fabril, que as injecções sejam dadas pelos enfermeiros nas fábricas ou em casa, pois os doentes chegam a andar 15 a 20 quilómetros para ir e vir às vezes não a receber por estar gente a mais; que seja acabado o regime de 30 horas de trabalho e que haja rama suficiente nas fábricas para que os operários não tenham que perder horas, como agora sucede e contra as arbitrariedades do toda a espécie de que são vítimas por parte dos patrões e de alguns encarregados;

— como os 2.000 operários da **Fábrica dos Ingleses** (Guilherme Graham) que, por intermédio da sua **Comissão de Unidade** protestam contra o vexame da revista à saída da fábrica e que continuam a lutar para pôr termo às prepotências destes imperialistas estrangeiros;

— como as valentes operárias da **Empresa Fabril do Norte (S.ª DA HORA)**, que pela sua luta enérgica e unidade firme fizeram recuar mais uma vez os patrões na sua tentativa de aplicar multas por tudo e por nada;

RECLAMAM DO PATRONATO E DO GOVERNO UM NOVO ACORDO COLECTIVO

tendo por base o **Caderno Reivindicativo** posto à discussão e aprovação de todos os têxteis do Norte:

- 1.º — Salário mínimo em qualq. categoria: **27550**;
- 2.º — Um aumento de 70% para os salários superiores a 15900 e inferiores a 20500;
- 3.º — Um aumento de 50% para os salários de 20500 a 29500;
- 4.º — Um aumento de 40% para os salários de 30500 e superiores;
- 5.º — Um aumento de 30% para os salários semanais inferiores a 200500;
- 6.º — Um aumento de 25% para os salários semanais superiores a 200500;
- 7.º — Os trabalhadores não diferenciados deverão ganhar o salário mínimo de 27550, os homens e de 24550 as mulheres;
- 8.º — O trabalho de empreitada deverá ter um aumento correspondente, mantendo-se as diferenças estabelecidas pelo acordo anterior. O trabalho de empreitada deverá ser pago da mesma forma que se trata de trabalho feito por homens ou por mulheres;
- 9.º — Os estagiários adultos

deverão ganhar o salário mínimo de 27550. Os estagiários menores de 15 anos deverão ganhar o salário mínimo de 5500;

10.º — A aprendizagem deverá ser feita em 2 períodos:

- 1.º período, de 4 meses, com salários mínimos de 12500;
- 2.º período, de 8 meses, com salários mínimos de 17550;

11.º — No trabalho de empreitada nenhum operário poderá receber menos do que 15500 por semana. Este salário mínimo será recebido por operário, individualmente e não no conjunto dos operários que trabalham de empreitada dentro de cada fábrica, como tem sucedido até aqui.

FÉRIAS: Férias de 15 dias ou 8 dias com salário a dobrar. As férias deverão ser gozadas por todos os operários que tenham mais um ano de casa.

ESTAGIÁRIOS: Que ninguém possa ser mantido na categoria de estagiário por um espaço superior a 6 meses.

MULTAS E CASTIGOS: Que

no novo contracto sejam abolidas por completo e simplesmente as multas. Que as suspensões de trabalho nunca possam ir além de 3 dias.

GRAVÍDAS: Que as mães grávidas tenham direito a um mês de repouso antes do parto e a outro depois do parto, sem perda do respectivo salário.

Tais são as reivindicações fundamentais apresentadas pelos operários e operárias da Indústria têxtil do Norte.

Para que elas sejam inteiramente satisfeitas, **impõe-se que os operários fortaleçam cada vez mais a sua Unidade e intensifiquem a sua luta. Impõe-se que se liguem às Comissões Sindicais, sejam constituídas e eleitas EM TODAS AS FÁBRICAS, Comissões de Unidade, para coordenarem e dirigirem a luta, com o apoio DE TODOS OS OPERÁRIOS E OPERÁRIAS, junto do patronato, dos sindicatos e das autoridades corporativas.**

~ FERROVIÁRIOS! ~

AS VOSSAS REIVINDICAÇÕES CONQUISTAM-SE PELA LUTA

assim dizer, o único onde tivemos de nos abastecer, enquanto que os salários dos ferroviários foram somente acrescidos de uma subvenção de 25%, nem sequer integrada nos salários. Se se juntar a isto toda uma série de cortes nas regalias e direitos adquiridos por regulamentos, como o encargo do imposto profissional que antes era pago pela empresa, o pagamento de 25%, nos transportes ferroviários, quando antes eram grátis, etc., etc., e se acrescentarmos ainda toda uma série de descontos feitos nos salários, cerca de 12%, tudo isto nos dará uma ideia da situação de miséria em que vivem dezenas de milhares de ferroviários e suas famílias.

Tendo em conta esta situação e fatos de esperarem promessas nunca cumpridas, uma Comissão de ferroviários apresentou à discussão de toda a classe um **Caderno Reivindicativo** para, depois de aprovado serem reclamadas junto da Direcção da Companhia dos Caminhos do Ferro as reivindicações nele contidas e que são:

1.º — Integração da sub-

venção de 25%, no soldo-base;

2.º — Aumento de 40% nos salários mais baixos, decrescimento depois segundo as categorias;

3.º — Salário mínimo na base de 17500 clóris (para aprendizes praticantes);

4.º — Diferencial único na base de Um mínimo de 2500 clóris a partir dos 20 anos de serviço e correspondente aos 30 dias;

5.º — Igualar a situação do pessoal de via estreita com o de via larga.

Estas são as reivindicações apresentadas à discussão à classe ferroviária. **TODOS** os ferroviários as devem discutir fazendo as alterações que entenderem. Ao mesmo tempo torna-se necessário que se organizem e elejem **Comissões de Unidade ferroviária por oficina, estação, linha e escritório para coordenarem e dirigirem a luta pela conquista das reivindicações que vão ser aprovadas.**

Os líderes da direcção do Sindicato de mãos dadas com os tubarões da C.P.E. com o governo, sentindo crescer o descontentamento dos ferroviários, nomeando uma comissão para estudar a situação da classe, não têm outro objectivo senão protelar a satisfação das reivindicações reclamadas e continuar a enganar os ferroviários com promessas. Estes não devem, portanto, dar nas manobras dos seus inimigos declarados. Em vez de esperar eternamente, urge que a luta se encele imediatamente.

Se os sindicatos dizem estar a tratar da situação da classe, urge que os ferroviários, por intermédio das **Comissões de Unidade** a formar ou em massa se lhes dirijam e exijam que andem para a frente e que lhes apresentem as suas próprias reivindicações, indicando que é por elas e não por outras a si estranhas, que devem lutar. Fale-se não nas promessas dos dirigentes sindicais fascistas e da Direcção da empresa, é condenada-se a não serem satisfeitas as suas justas reivindicações. Por isso, os ferroviários devem tomar nas suas próprias mãos a direcção da luta, porque só assim conseguirão alcançar a satisfação das suas justas reivindicações.

CONTRA A EXPLORAÇÃO E O ROUBO

RESPONDAMOS COM A LUTA FIRME E UNIDA

Só a intensificação da luta de todos os trabalhadores portugueses do campo e da cidade, fará recuar o governo e o patronato reacção na sua ofensiva contra os salários e regalias alienados em lutas anteriores. A experiência indica-nos a todo o momento que, quando os trabalhadores se unem e lutam o governo e o patronato são obrigados a ceder às suas justas reivindicações e a recuar nas tentativas de reduzir a zero as suas regalias e direitos. Ao contrário, quando a luta para ou abandona a Unidade se não mantém e os trabalhadores se nam nas promessas demagógicas do governo e do patronato reacção, estes, sentindo-se fortes, não só baixam os salários como reduzem, a pouco e pouco, as magras regalias e direitos dos trabalhadores.

Compreendendo esta realidade, os trabalhadores de várias empresas lutam por aumento de salários, pela defesa das suas regalias e põem a nu os roubos e falcatrãs de alguns patrões e dos serventurios do governo salazarista.

São os operários da **fábrica Cibra**, de Cimentos Brancos (em construção) que, não obstante o adiamento dos seus salários para a Caixa de Abono de Família desde Abril, em Setembro ainda não tinham recebido qualquer abono. Em virtude desta situação os operários exigiram que o Sindicato se juntasse em Leiria) tomasse as medidas necessárias para que o abono lhes fosse pago imediatamente. Em face desta posição firme, a direcção do Sindicato foi obrigada a aceitar a sua conclusão que os **tubarões luso-espanhóis donos da empresa, chefiados por Fausto e Figueiredo, Guimarães Pinto e engenheiro Melo Couvela, não tinham entregado o dinheiro que vinham descontando há 5 meses aos seus operários.**

Estes trabalhadores lutam agora junto da direcção da empresa para que o abono lhes seja pago. São os operários padeiros do **PORTO** que, por intermédio da sua Comissão de Unidade, lutam junto dos patrões, do S.T. e do Sindicato pela manutenção da regalia de um quilo de pão diário a que têm direito desde há 20 anos e em o Contracto Colectivo estipulado. Baseados no aumento do pão, o patronato passou a dar aos padeiros só 720 gramas. Ora, os operários padeiros não têm direito a 280 de pão mas sim, a um quilo. Por isso, todos os padeiros devem continuar a luta até que seja reposta integralmente a sua velha regalia.

São os operários e operárias da **fábrica de Papel e Cartão de OYA L.ª de ALEGRETTA** que, ganhando salários de nome (7500 e 85000), elegem entre todos uma Comissão de Unidade para exigir que a direcção do seu Sindicato tomasse medidas para os salários serem aumentados. Como esta nada fizesse, porque está ao serviço do patronato, os operários fizeram uma concentração e em massa foram junto do patrão exigir aumento de salários. Perante a disposição firme dos operários, o patrão concedeu um aumento de 10%. Sem dúvida nenhuma que isto representa uma vitória mas, não obstante isso, os salários continuam a ser salários de fome. Por isso, a luta deve continuar até que sejam alcançados salários compatíveis com o custo de vida.

São os empregados das **Companhias de Seguros do Porto** que, por intermédio da sua Comissão Geral de Unidade entregaram l'expozito ao delegado do INT exigindo que seja despachado rapidamente o relatório da Comissão Técnica de modo a que o contracto seja assinado. Como é seu costume, o delegado tentou atemorizar a Comissão com o velho estribilho de que andava a mando dos comunistas. A Comissão não se assustou, insistindo nas suas reclamações, dizendo-lhe

um elemento: «venho aqui na qualidade de pai de 5 filhos e de devedor de 8.000.000 e não a mando dos comunistas». Perante esta atitude firme, o delegado foi obrigado a prometer que ia fazer tudo para que o despacho seja publicado o mais de pressa possível.

São os operários da **Fábrica de Biscoitos de Arroz «A Liberdade» de ALHANDRA** que por meio de uma exposição onde faziam ressaltar o aumento continuo do custo de vida, exigiram aumento de salários. Pediram também, uma semana de férias com todos os vencimentos. Esta segunda reivindicação foi satisfeita. IMPONDO-SE QUE TODOS OS TRABALHADORES CONTINUEM A LUTAR UNIDOS PARA QUE OS SEUS SALÁRIOS SEJAM AUMENTADOS.

São os operários da **Sociedade de Construções Industriais de Ferro e de Aço de Évora de Santa Iria** que, não recebendo o Abono de Família, comida e patrão lhes tenha descontado sempre para a Caixa, foram junto da direcção da Caixa exigir o seu pagamento. Depois de várias reuniões, CONCLUIU-SE QUE O PATRÃO E GERENTE, ENGENHEIRO ALEMÃO CHIEGELI, NÃO ENTREGAVA OS FUNDOS QUE DESCONTAVA. Os operários não ficaram satisfeitos com esta resposta, continuaram firmemente na luta pelo abono. Como resultado disso, A SOCIEDADE FOI MULTADA E OBRIGADA A REPOR OS FUNDOS DESCONTADOS E OS OPERÁRIOS COMEÇARAM A RECEBER OS ABONOS.

São os operários e operárias da **Fábrica Têxtil de Sul, de ALHANDRA** que lutam em massa por aumento de salários e pelo direito à semana de férias que os patrões lhes querem roubar, pretendendo que com 24 folgas os operários lhe perdem o direito quando as faltas permitidas podem atingir 90. Com a sua Comissão de Unidade à frente, que goza do apoio de todos os operários da fábrica, a luta continuou junto dos patrões, do Sindicato e do INT.

São, enfim, os operários cantareiros de **PERO PINHEIRO**, que se levantam contra o roubo dos patrões nos descontos que lhes fazem para a Caixa de Abono de Família e que não entregavam totalmente à Caixa. O processo usado consistia em nas folhas de férias entregadas ao Sindicato reduzir o mínimo as horas de trabalho do pessoal. Por esta razão os operários não recebiam o abono a que tinham direito. PELA SUA LUTA O SINDICATO FOI OBRIGADO A PASSAR-A FÓRNECER AOS CANTAREIROS SÓCIO DO MESMO UM MAPA DE TRABALHO A FIM DE ESTES DESCRIMINAREM AS HORAS DE TRABALHO REALIZADAS.

TRABALHADORES E TRABALHADORAS! Ante o aumento constante do custo de vida e os assaltos do governo e do patronato às vossas magras regalias e direitos e as tentativas para baixarem os vossos já magros salários, só um caminho tendes a seguir para obter a uma maior miséria para vós e para as vossas famílias: o caminho da luta e da Unidade de todos pela defesa dos vossos salários e conquista de outras e por aumento de salários ao nível do custo de vida!

Com a l elegei por toda a parte as vossas Comissões de Unidade para dirigirem e coordenarem essa luta.

MAIS FOME! (FIM)

qualquer no mercado contribuir para o seu encarecimento? Não, melhor forma de combater a alta dos preços é fazer que os preços abundem no mercado. É esta abundância, só pode ser conseguida para bem do nosso povo e da Economia do país, com o fomento e aumento da produção interna desses produtos. Mas esta não é a via pela qual o salazarismo procura sair da crise. Ele procura sair dela a expensas das classes trabalhadoras, sem ferir os interesses dos grandes agrários e dos potentados da finança ligados aos imperialistas anglo-saueses. O povo português está, portanto, perante esta alternativa: ou se submete a uma razão mais redu-

zida que o salazarismo lhe vai impôr, ou luta para que uma tal situação se modifique.

Há um ano atrás, num artigo do **Avante!**, dizíamos: «Passaram as semanas e o outono; tudo devia ser feito para auxiliar a Lavoura; naturalmente os pe-queños e médios lavradores, os rendeiros e os camponeses sentiram a fim de que eles podessem aumentar e intensificar a cultura dos produtos que tanta falta nos têm feito e tanto ouro nos continuam a custar. Mas não, as medidas até aqui tomadas não passam de paleativos e promessas vãs que nada resolvem».

Estas palavras escritas há um ano atrás, têm hoje a mesma actualidade. Só a luta do povo português o poderá salvar da fome e dum maior miséria.

VIDA E A LUTA DO NOSSO POVO NO ESTRANGEIRO

FRANÇA La Défense, órgão do Socorro Popular Francês, no seu n.º de 2.ª semana de Outubro, publicou um longo artigo, intitulado: «Em Portugal, a PIDE (Gestapo de Salazar) prepara uma comédia eleitoral». Falta na apresentação da candidatura do gen. Norton de Matos como «última vítima» das forças democráticas portuguesas a «mas seria um erro, continua o artigo, julgar que os métodos fascistas do governo se atenuaram e que estão criadas condições para uma livre consulta eleitoral.» Descreve as condições de terror fascista; fala no Tarrafal, na deportação de António Guerra, na conduta heróica de Francisco Miguel, nas prisões do Algarve. «E com tais «liberdades» que o governo fascista de Salazar prepara as «eleições» presidenciais. O artigo é ilustrado com uma fotografia de Alfredo Diniz (Alex).

em 8 de Setembro de 1936.

U.R.S.S. Krasnaja Zvezda órgão do Exército Soviético, publicou, em Novembro, um longo artigo sobre os monopólios americanos em Africa, citando extensamente as concessões feitas por Salazar aos EE.UU. em Moçambique.

ÁFRICA THE DEMOCRAT, DO SUL revista, de Junho, tem um longo artigo, também sobre a situação portuguesa. O articulista historia os anos de regime salazarista, diz que durante muitos anos se fez silêncio sobre este boneco do imperialismo britânico, dando a impressão ao mundo de que não se tratava de um regime de opressão, mas que hoje está provado que o regime salazarista é tão sangrento e opressivo como os outros regimes fascistas. O articulista faz também longas considerações sobre a ajuda de Salazar a Franco e o papel que a Igreja católica representa como apoio para os ditadores. Faz também referência ao estado de atraso e miséria em que vive o nosso povo e ao movimento de oposição, MUD, etc.

ESPAHHA Mundo Obrero, órgão central do P. Comunista de Espanha, da 1.ª quinzena de Setembro publicou um artigo comemorativo da Revolta dos Marinheiros Portugueses,